

O texto abaixo é uma provocação sobre as práticas de Escuta que vem ocorrendo no interior de nossas Unidades Escolares. Muitas mãos estão construindo este documento que em breve será publicado com a intenção de orientador, qualificar e pautar as ações.

Texto de: Wellington Domingos (Consultor Pedagógico, estudioso da primeira infância e diretor da Escola Aroeira); Lucinda D. Bittencourt Thesbita (Estudiosa da primeira infância e Coordenadora da Escola Aroeira);

A Escuta Efetiva e sua influência no cotidiano da Educação Infantil.

Você já deve ter vivenciado alguma situação na qual se encontrava realizando uma atividade, tarefa ou projeto importante em que tinha plenas condições de conseguir finalizar. No entanto, bem no meio desse desafio, encontrou alguém que disse: “Vamos, vamos, termine logo!”. E essa pessoa não satisfeita, além de intervir em sua atividade, ainda a finalizou por você?

Diante de uma situação como esta, três questões são cruciais para pensarmos na qualidade das relações do cotidiano, principalmente, do ambiente educacional. Primeira: qual a qualidade da escuta de quem promove a intervenção? Segunda: o que é comunicado quando há uma intervenção sem saber qual sua real necessidade? Terceira: qual a eficácia de uma intervenção sem escuta?

Milhares de pessoas passam por situações parecidas com estas, diariamente. Na educação, o paradigma transmissivo mostra, a todo o momento, “o que fazer”, “como fazer” e “quando está pronto”. Não há preocupação com a escuta, mas sim com a transmissão do conteúdo. É por isso que intervir sem escutar é muito mais comum do que se imagina.

São sobre essas atitudes de intervenções diretas, e muitas vezes constantes, nas experiências das crianças, que Tardos (2006) nos questiona a respeito do que comunicamos quando fazemos isso. Quais sentimentos geramos nas crianças? Que tipo de relação estabelecemos? Quanto valor damos às suas produções, ao seu protagonismo? Incentivamos e valorizamos suas iniciativas?

Seria bastante interessante se você, professora(or), pudesse escrever sobre o que imagina de sentimentos que são gerados caso sofresse uma intervenção como a apresentada, sem sequer requerer ajuda.

Agora imagine a breve cena a seguir, onde um acontecimento rotineiro ilustra mais uma exposição dos fatos:

Duas professoras, na turma de crianças de dois anos – onde se encontram, nesse momento, 10 crianças – conversam enquanto duas crianças choram na sala. Uma terceira professora (módulo da escola) aparece na porta e, ao ver as duas crianças chorando, imagina que as professoras precisam de auxílio. Entra na sala e agacha na direção de uma das crianças que chora. Uma das professoras exclama: “não pegue ela no colo! Aqui nós não pegamos no colo”.

Em seguida, as duas professoras da turma continuam seu diálogo uma com a outra. Uma diz:

- “Nossa, eu detesto o berçário”

E a outra professora responde:

- “Eu também! Só peguei porque foi a única coisa que sobrou”.

Frente à cena, cabem alguns apontamentos: se o bebê é cinestésico e escuta com todo o corpo, com todos os seus sentidos, que tipo de comunicação (verbal e não-verbal) essas professoras – que são suas referências – estão transmitindo? Que tipo de sujeito se contribui para formar neste ambiente? Sujeitos seguros de que terão suas necessidades atendidas ou, ao contrário, sujeitos inseguros com relação ao ambiente e as pessoas que existem nele? Quais são os reflexos corporais que um bebê/criança externaliza quando se sente inseguro?

Quando um bebê chora, se utilizando de sua forma de comunicação mais poderosa, para comunicar algo, se não respondemos de maneira alguma, ou damos respostas rudes do tipo: - “Você só chora!” ou “Esse aí é chorão!”, que tipo de contribuição estamos dando para sua formação? Que tipo de contribuição se dá ao próprio ambiente de trabalho? Uma criança insegura não se sente à vontade para pesquisar e explorar o ambiente.

Isso imprime reflexos imediatos em suas insatisfações com as relações, com o ambiente e, por consequência, de maneira corporal, estas insatisfações se refletem e acabam por contribuir na geração de um ambiente conturbado. Ou seja, as ações dos adultos têm reflexos diretos não apenas nos seres que habitam aquele espaço, mas também no ambiente que esse profissional se encontra. Isso significa que a qualidade

harmônica do local, onde essa professora dedica horas significativas de sua vida, tem relação direta com a forma como esta atua com as crianças que ali convivem.

Neste íterim, a postura dos adultos também deve ocupar lugar de destaque em nossas preocupações nos momentos de diálogo com outras(os) professoras (os), em encontros para planejamento e replanejamento, bem como na construção do Projeto Político Pedagógico. Diante disso, é urgente pensar: de que maneira essa preocupação se faz presente no dia a dia da Unidade Educacional?

É muito importante entender que, mais do que buscar responder estas perguntas, é urgente construir um ambiente que escuta o que a primeira infância nos comunica, um ambiente que escuta efetivamente: Quais são as necessidades do bebê e da criança? Quais seus interesses, desejos, habilidades?

É preciso deixar bem claro que o entendimento destas questões pode ajudar a proporcionar a construção de sentido nas experiências e vivências das crianças; pode auxiliar o adulto a fazer intervenções mais assertivas, baseadas em escutas de necessidades, de contextos.

As noções de empatia, de acolhida, de que sou com a existência do outro, não são possíveis de se ensinar de maneira abstrata nos primeiros anos de vida. Por conta disso, **é preciso, sim, ter ciência que as posturas e intervenções do adulto no ambiente educativo, enquanto professoras(es) de bebês e de crianças pequenas, têm reflexos em curto, médio e logo prazos em suas vidas.** Através do exemplo do adulto referência escutando, e como se porta diante da escuta, que a criança efetiva seu entendimento do que é escutar o outro.

É interessante ressaltar três significativos exemplos em que a escuta mudou o rumo da história.

No Brasil, Paulo Freire, com sua acuidade na escuta, pôde perceber a necessidade de milhões de brasileiros adultos de serem alfabetizados. Assim criou um método que proporcionou mudanças de vidas para milhões de analfabetos em nosso país e em diversas partes do mundo.

Na Hungria, Emmi Pikler, percebeu que os bebês não eram vistos enquanto seres potentes, capazes de iniciativas, sujeitos de direito, sujeitos plenos. Por isso, ela criou uma abordagem (que depois ganhou seu nome) para olhar, falar e tocar o bebê de

maneira respeitosa, calma e amorosa. Hoje, a Abordagem Pikler é o pilar que norteia as propostas pedagógicas de espaços e instituições de educação-cuidado da primeiríssima infância em diversos lugares do mundo (principalmente nos países desenvolvidos). As ações pedagógicas baseadas nos princípios desta abordagem dão qualidade às vidas de milhões de bebês.

Na Itália, Loris Malaguzzi também se preocupou em escutar as crianças pequenas. É diante de uma “pedagogia da escuta” que nascem os projetos, que encontram sentidos, no fazer-se educador e no se descobrir sujeito.

Nestes três exemplos, a escuta funcionou como uma espécie de prisma que transforma a luz branca nas sete cores do arco-íris. Escutar transformou a educação! Escutar coloriu o mundo de milhões de sujeitos! Escutar esteve no centro de intervenções muito assertivas que trouxeram resultados extraordinários para o Ser Humano, e ainda trazem!

Ficam os legados destes três grandes ícones da educação: uma espécie de convite para caminhos que deram certo. Cabe a cada um, em seus cotidianos, estar comprometido ou não com essa caminhada.

É preciso reservar à escuta seu papel transformador, característico dos contextos educacionais das três inspirações supracitadas. Freire, Pikler e Malaguzzi, primeiramente, **escutaram; buscaram entender os contextos e necessidades e, depois, intervieram.** Este é um dos caminhos mais assertivos para promover transformação na educação.

Portanto, seguir com essas inspirações é acreditar que é possível construir uma educação que escuta o bebê e a criança pequena; que é possível construir uma educação que valoriza e incentiva o diálogo; que é possível permitir que a vida das crianças tenha cor; que é possível escutar e entender antes de intervir.

Vamos juntos?